

SÉRIE TRAJETÓRIAS 2008

Palestrante: Nicolau Martins de Oliveira

Local: Rua da Lapa, 120/12º andar

Data: 08 de abril de 2008

Hora: 17:00

Maria Martins de Oliveira – minha mãe – que, em maio, completará 95 anos. Filha de agricultor nasceu e se criou na roça até os 22 anos, quando se casou. Minha mãe é semi-analfabeta, assim como a mãe dela.

Meu avô sabia ler bem e, para sua época, era uma pessoa culta, considerando o lugar em que morava e, creio eu, cursou somente o primário. Vovô gostava de fazer versos e de contar histórias que tinha lido nos livros e nos jornais. Depois de um tempo, descobri que ele fazia versos para cantar na “ratoeira” (brincadeira folclórica de Santa Catarina).

Aristeu de Oliveira – meu pai – se vivo, hoje estaria com 105 anos. Filho de pescador. Meu pai tinha o primário e a profissão de funileiro. Quando solteiro, tocava trombone na Banda da Bandeira do Divino Espírito Santo, mas seus dotes musicais eram mínimos. Porém, demonstrava sensibilidade ao exigir, por exemplo, que a Banda da Igreja não tocasse forte para que as palavras dos hinos fossem entendidas pelos ouvintes.

Da mamãe, herdei o gosto por cantar, pois ela amava cantar. Na casa do vovô, quando os filhos se reuniam, havia cantorias com violão e, às vezes, os meus tios cantavam versos uns para os outros. Algo muito simples, mas onde havia o cuidado de se acertar as rimas.

Gosto também de fazer meus versinhos, mesmo não sendo poeta. Herdei isso da família da mamãe.

Dos seis filhos que somos, todos estudaram pelo esforço maior de mamãe. Do papai, herdei a pontualidade, exigências com horários, responsabilidades com compromissos assumidos e a austeridade. Da mamãe, o sentimento, a brandura e a energia, quando necessária.

Papai sempre gostou muito de ler e, quando foi para a Igreja Evangélica, passou a ser um leitor e estudioso da Bíblia. Ele nos ensinava, em doses homeopáticas, as doutrinas cristãs e os fatos históricos contidos na Bíblia. Mas uma coisa o papai fazia com rara sabedoria e isso eu herdei dele com muita propriedade.

De 2ª a sábado não íamos à Igreja, mas papai fazia o que chamamos de culto doméstico. Após o jantar, eram retirados da mesa pratos, talheres etc. dando lugar à Bíblia, aos hinários, ao cavaquinho e ao violão. Meu irmão mais velho tocava o violão e o cavaquinho era meu instrumento. Foi o meu primeiro instrumento.

O culto doméstico começava sempre com uma leitura bíblica, seguida de uma oração fervorosa (pentecostal) e então vinham os cânticos. Nesse momento, então, papai se transformava num dos maiores professores que já tive. Para que entendam melhor, vou explicar sua estratégia didática: abria a Harpa Cristã (nosso hinário); dizia o número do hino a ser cantado;

lia o título do hino e o explicava;
lia frase por frase da 1ª estrofe, explicando cada palavra e mostrando sua correlação com a Bíblia;
lia o estribilho e o explicava;
só então cantávamos;
quando terminávamos de cantar esta parte, ele passava a ler e explicar a 2ª estrofe e a cantávamos;
e assim por diante.

Já na escola primária, as professoras reuniam as turmas e cantavam uma canção que me tocava muito porque eu entendia a mensagem, pois havia aprendido com papai a pensar na letra e a procurar entendê-la. A canção chamava-se “O Canto” e dizia:

*O canto, por certo, é dote do céu
E traz alegrias a quem as perdeu.
Lá canta no bosque ditoso sabiá,
Seu canto prazeres bem doces nos dá.*

*Pra sempre, na vida, não vos esqueçais,
Quem canta não “sente”¹ tristezas e ais.
Assim, meus amigos, cantemos também,
O canto consola, distrai e faz bem.*

Eu, Nicolau Martins de Oliveira, nasci a 12 de março de 1942 num lugarejo chamado Laranjeiras e fui registrado em Pescaria Brava que, na época, era distrito de Laguna – Santa Catarina.

Entrei na 1ª série da Escola de Educação Básica “Teresa Martins Brito” em 1951, já sabendo ler (aprendi com meu pai) e não me lembro de minha professora de 1ª série. Em compensação, a D. Pedra, minha professora da 2ª série, era meu xodó. Tínhamos em comum, além do mês de aniversário, a seriedade com que executávamos nossas tarefas. Ela, as de professora e eu, as de aluno. Desde o início houve uma empatia recíproca. A admiração por aquela professora tão dedicada e especial fez com que eu me empenhasse sempre em obter bons resultados. Era muito comum que eu terminasse os exercícios de matemática antes da turma e ela prontamente passar exercícios extras para mim. Deste convívio ficou-me, acima de tudo, a lição de que ensinar com amor pode ser mais produtivo.

Na 3ª série tive um aproveitamento regular e na 4ª série, com a troca de professoras, por diversas vezes, fiquei reprovado, visto que tenho dificuldades no aprendizado quando o mesmo não é sequencial.

Em 1955, voltei à escola para repetir a 4ª série, mas nos primeiros meses me desentendi com a professora e abandonei a escola. Por minha iniciativa, e com consentimento de meu sábio pai, fui trabalhar numa alfaiataria para aprender o ofício.

¹ Na partitura, onde se lê “sente”, leia-se “geme”

Nesta idade, meus conhecimentos musicais não passavam de umas 3 ou 4 posições no cavaquinho, que me permitiam acompanhar os hinos que eu sabia cantar. Mesmo assim, desde pequeno, quando passava uma banda de tambores perto da minha casa, por ocasião do dia 7 de setembro, eu pegava uma lata de goiabada, amarrava um barbante, pendurava no pescoço, subia no telhado do rancho e tocava minha lata imitando a banda de tambores.

Pois, na primeira escola onde estudei – em Capivari de Baixo – SC, fiz, com mais dois colegas, minha primeira Banda de Tambores, conforme ilustra a figura do artista plástico Jorge Roriz. Eu, tocando tarol no meio dos dois amigos, o da minha direita tocando caixa, e o da minha esquerda tocando surdo. Interessante que a camisa que estou vestindo, ganhei no Natal de 2007. Nela, lemos a frase da prof^a Cristina Roriz:

*“De pequenos sonhos...
...nascem grandiosos projetos”.*

O significado desta frase vocês compreenderão mais adiante.

Em julho do ano passado, a prof.^a Cristina, sua filha e mais um amigo, Prof. Ricardo, viajaram comigo ao sul do país e, ao passar pelos lugares da minha infância, ia narrando minha história para eles. Não tenho muitas lembranças de minha primeira infância, nem tampouco registros fotográficos da época, pois sendo o terceiro filho, era custoso para uma família simples fazer tais registros. Podem, então, compreender um pouco a importância desta figura para mim.

Em dezembro, antes do Natal, a Sra. Valéria Ribeiro Peixoto, Assessora Técnica da Academia Brasileira de Música, me ligou fazendo o convite para eu estar aqui hoje, falando de minha trajetória, que acredito estar bem sintetizada, e em essência, na frase inspirada da prof.^a Cristina e na obra de seu irmão.

Na alfaiataria, mesmo como aprendiz, ganhava uma pequena ajuda e, com ela, comprei meu cavaquinho e meu trompete. Eu queria comprar um clarinete, mas meu pai me disse que teria que comprar sempre palhetas e a manutenção era cara. Comprei, então, um instrumento de bocal (trompete). Toquei, mas não era o meu instrumento.

1955 – 1956 – Foram dois anos em que levei minha vida como aprendiz de alfaiate, trabalhando o dia todo no meio de pessoas adultas e, à noite, participando de reuniões familiares. Neste período, comprei um trompete e comecei a estudar.

Interessante, que havia chegado a este lugarejo – Capivari de Baixo – um músico oriundo da Banda da Polícia Militar de Santa Catarina, para dirigir uma orquestra de baile mantida pela CSN (Companhia Siderúrgica Nacional). Eu achava que se tratava de uma autoridade em música, então, me dirigi a ele e perguntei se ele poderia me dar aulas. A resposta que obtive foi: não tenho tempo. Não desistindo continuei dizendo: não tem problema. Eu venho aqui e, se você não puder me dar aula, eu volto. A resposta continuou sendo “não”. Desse modo, continuei só com o conhecimento que me foi ministrado pelo maestro da Banda da Igreja, que não sabia ensinar. Mesmo assim, toquei trompete na Banda.

Em 1957, por resolução da família, voltei à escola para concluir a 4ª série na Escola de Ensino Básico Henrique Fontes, na cidade de Tubarão, Santa Catarina, onde fiz minha segunda Banda de Tambores, com 15 anos de idade. Neste momento, já tinha em meus planos concluir a 4ª série e ir para Porto Alegre no ano seguinte, para estudar e trabalhar numa alfaiataria, pois obtive a informação de que lá havia ótimos alfaiates. Pretendia também estudar música, pois sendo uma cidade maior, havia mais possibilidades de encontrar uma Escola de Música. No final do ano, concluí a 4ª série, prestei prova de admissão para o ginásio e fui aprovado para estudar em um Colégio de Padres, em Tubarão. A matrícula chegou a ser efetivada, porém, quando ia iniciar meus estudos uma notícia, trazida por meu pai, alterou estes planos. Em fevereiro de 1958, meu pai tomou conhecimento, através do Serviço Social da CSN, de que um professor de Volta Redonda iria a Capivari realizar uma prova para os filhos de funcionários da CSN. Aqueles que passassem, iriam estudar na Escola Técnica Pandiá Calógeras, em Volta Redonda. Meu pai, então, me perguntou se eu queria estudar lá e eu disse que sim. Fui um dos cinco candidatos aprovados.

Março de 1958 – Fui para Volta Redonda fazer o Curso Industrial Básico na Escola Técnica Pandiá Calógeras. Iniciei meus estudos nesta escola. Na matriz curricular havia aula de Canto Orfeônico, uma vez por semana, com o maestro Franklin de Carvalho Júnior, que era formado pela então Escola Nacional de Música da URFJ e capitão músico reformado do Exército. Era minha aula predileta. No desfile de 7 de setembro desse ano, havia um grupo de seis tambores puxando a escola e eu pensei: “uma escola tão importante, com uma banda tão fraca...”.

Nesse mesmo ano de 1958, em 19 de novembro, o maestro Franklin criou, junto com pessoas de relevância na comunidade, o Centro Musical de Volta Redonda e convidou jovens da cidade para estudar música e tocar na Banda. As aulas eram ministradas aos sábados, à tarde, e os ensaios da Banda eram feitos aos domingos, pela manhã. Comecei, finalmente, a estudar música e, em três meses de aula fizemos o curso equivalente ao admissão em música. Troquei de instrumento, passando a tocar saxofone tenor na Banda do Centro Musical de Volta Redonda.

Em março de 1959, fui para o 1º ano de Teoria e Solfejo e, com a aquiescência e indicação do capitão Franklin, passei a ministrar aulas para uma turma de admissão. Foi o começo de tudo. Neste mesmo ano, o Centro Musical trouxe uma Fanfarras – Banda de Percussão e Cornetas – da cidade de Cruzeiro para tocar em Volta Redonda. Em razão disto, o capitão Franklin comprou oito cornetas para criar uma fanfarras na Escola Técnica. Assim que as cornetas chegaram, ele as entregou para mim com a seguinte observação: “Corneteiro, no quartel, é o pior soldado que existe. Pega estas cornetas e se vira”. Mais uma vez em minha vida, não fugi diante de um desafio. Ao contrário, aceitei-o. Convidando meus colegas de turma, comecei a treiná-los nas cornetas. Paralelamente, outro colega, oriundo da fanfarras de Cruzeiro, treinava um grupo de percussão com taróis, caixas, surdos, bumbos e pratos. Entretanto, este colega não conseguiu juntar as cornetas com a percussão e eu recebi mais esta missão. A fanfarras deu certo.

Algum tempo depois, quando estudava à noite e trabalhava de dia na CSN, por indicação do maestro Franklin, fui convidado pelo diretor da Escola Técnica Pandiá Calógeras para substituí-lo ministrando aulas de Canto Orfeônico e ensaiando a fanfarras, pois o maestro Franklin não poderia

mais continuar a fazê-lo, já que havia assumido outras funções na CSN. Esta foi minha segunda experiência ensinando música e outro grande desafio, tendo em vista que eu só havia feito o Curso de Teoria e Solfejo pelo Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro, com prova de conclusão. Mesmo assim, em 1964 assumi o posto e comecei a colocar minhas ideias em prática.

Já em 1965, a Fanfarras sagrou-se campeã no concurso de Volta Redonda e no concurso de Aparecida do Norte. O Coro Orfeônico – só masculino, pois a Escola Técnica não era uma escola mista – foi crescendo com os ensaios regulares.

Ainda em 1965, movido sempre por uma visão vanguardista, visitei a Escola de Música da UFRJ, na qual tinha a intenção de estudar. Nesta ocasião já tinha mudado do saxofone tenor para o fagote. Comecei, então, outra empreitada. Fiz o vestibular, passei e, sem orientação sobre os pré-requisitos para ingressar naquela escola, fui estudar. Estudava fagote na Escola de Música com um professor de oboé. Estudava harmonia com uma professora que chegava duas horas depois do horário previsto para o início da aula. Como pedra levada pela onda, fui batendo aqui e ali e sem nunca desistir diante dos obstáculos, persisti em meu objetivo, concluindo meu curso na Escola de Música.

Em Volta Redonda, em um colégio cuja clientela era composta somente por pessoas do sexo feminino e no qual eu ministrava aulas de música, criei um coro feminino e com ele, além do Coro Orfeônico, criado anteriormente na ETPC, illustrei palestra proferida pela Prof.^a Joaquina de Araújo Campos, D. Quininha, na Escola de Música. Com a junção destes dois coros, criei o Coral do Centro Musical de Volta Redonda, que cantou na solenidade da minha graduação em fagote pela Escola de Música, cuja turma teve como paraninfo o presidente desta casa, o ilustre professor e compositor Ricardo Tacuchian.

Tempos depois, iniciei o curso de Composição e Regência e fiz novamente o vestibular para tal. Entretanto, ao iniciar o curso, senti que a base que tinha de harmonia não era suficiente para continuar. Mesmo assim, tentei e fiz harmonia superior e contraponto. Quando iniciei Fuga, senti que teria que parar, pois não tive a sorte de ter uma professora que sanaria a minha deficiência ou que ampliaria meus conhecimentos. Recorri, então, a aulas particulares com a saudosa Prof.^a Virgínia Salgado Fiúza. Não foi propriamente um curso de Harmonia, Contraponto e Fuga, mas uma visão destas matérias, visão esta que me dão sustentação até hoje.

Neste meio tempo, a saudosa Prof.^a Ana Maria Porto de Moura criou um Curso de Ensino de Música para Criança, na área de pós-graduação e me convidou a participar já que, anos atrás, eu havia demonstrado o fagote para seus alunos em uma aula didática. Foi neste curso que obtive respostas para as perguntas existentes dentro de mim, no que se refere ao ensino de música. Desisti de todas as oportunidades que surgiram para mim como instrumentista e me dediquei ao ensino de música para criança, com uma nova visão e com a certeza de estar trilhando caminhos coerentes e mais eficazes neste trabalho. Minha metodologia no ensino de música mudou completamente. Agradeço à Prof.^a Ana Maria.

Em 1974, fui convidado a reerguer a Banda Marcial da FEVRE – Fundação Educacional de Volta Redonda – e comecei então uma nova experiência. Sem arquivo próprio, sem saber a quem recorrer, iniciei o trabalho estruturando o novo grupo até chegar a um modelo de Banda de Metais que existe na Inglaterra. Quem muito me ajudou neste processo foi o Sr. Oscar Arany que pesquisou, nos catálogos musicais, repertório para este meu novo grupo.

Este novo grupo, Banda de Metais e Percussão, que passarei a chamar de Banda Marcial, foi iniciado por mim em abril de 1974. Em setembro do mesmo ano, participando de concurso em Volta Redonda, entre três concorrentes, alcancei o 1º lugar. O resultado entusiasmou a direção da Fundação Educacional de Volta Redonda/FEVRE - que imediatamente me deu todo apoio e bastante recurso, de modo que pude adquirir novos instrumentos e muitas partituras musicais. Agora, estava iniciando uma nova etapa na minha vida profissional.

Ainda em dezembro de 1974, tive a oportunidade e o apoio necessário das autoridades da época para fazer um estágio de observação no distrito escolar de Downingtown, Pensilvânia, nos Estados Unidos da América. É indescritível a experiência que adquiri nestes três meses de estágio – de dezembro de 1974 a fevereiro de 1975. Fui muito bem recebido, não só pela família que me hospedou, os Thompsons, como também pelos maestros do Coro e da Banda. Só posso dizer que Deus foi à minha frente abrindo todas as portas. Conheci muitas escolas, da educação infantil ao ensino médio, correspondentes lá. Assisti a muitos concertos, natalinos e outros, e até mesmo conheci pessoalmente o maestro Eugene Ormandy. Impossível enumerar os benefícios resultantes desta viagem. Mas, posso dizer que trouxe na bagagem uma grande quantidade de valiosas partituras de música para banda escolar e no coração, impressões que eu jamais conseguiria descrever com exatidão.

A partir deste estágio, a família Thompson, a qual que me hospedou, passou a me alimentar de todas as partituras que eu ia adquirindo, o que me permitiu, creio eu, ter o maior arquivo específico de Banda Escolar. A partir daí fui:

1975 – Campeão Nacional Infante-Juvenil

1976 – Campeão Nacional Infante-Juvenil e Campeão Geral

1977 – Campeão Nacional Infante-Juvenil e Campeão Geral

1978 – Campeão Nacional Infante-Juvenil

1979 – Campeão Nacional Infante-Juvenil e Campeão Geral, portador em definitivo do troféu Dr. Paulo Machado de Carvalho, recebido das mãos do próprio, por ter sido campeão geral por três anos na categoria Banda Marcial, no concurso promovido pela Rádio e TV Record de São Paulo.

Fiz minha primeira apresentação no Salão Leopoldo Miguez, na Escola de Música da UFRJ, com a Banda de Metais e foi um sucesso. Mais tarde, adicionei flautas, clarinetes e saxofones à Banda de Metais e a transformei em Banda de Concerto. Parei de participar de concursos e comecei a me apresentar como Banda de Concerto. A cada dia procurava melhorar o repertório para chegar cada vez mais próximo do repertório sinfônico, como é hoje: banda com flautas, oboé, fagote, clarinetes alto e baixo, saxofones alto, tenor e barítono, trompetes, trompas, trombones, barítonos, bombardinos, tubas e uma percussão com quase todos os instrumentos da família.

Em decorrência da mudança de repertório para música de concerto, as apresentações de rua deram lugar a apresentações em locais fechados, exigindo, portanto, técnica mais apurada, com mais tempo de estudo e isso fez com que os alunos da rede municipal de ensino não mais se interessassem por este tipo de Banda. Comecei, então, a pensar numa outra alternativa. Ocorreu-me uma ideia, que sem falsa modéstia, nomeio de magnífica. Classifico-a como magnífica porque hoje os frutos desta ideia falam por si só.

Na Escola Municipal Kennedy iniciei um trabalho com crianças das 3ª e 4ª séries do ensino fundamental e, em poucas semanas de aula, criei o que chamamos de Banda-Mini. No início, possuía apenas instrumentos de percussão como taróis, surdos, pratos e bombos. A ideia deu certo e as diretoras das escolas de 1ª à 4ª séries começaram a solicitar, através da Secretaria Municipal de Educação, a formação de uma Banda-Mini, em suas escolas, para se apresentar no desfile de 7 de Setembro. Isto foi o que chamamos de “isca para peixe grande”.

Aproveitando a chegada do pífaro Yamaha no mercado brasileiro (Casa Manon, em São Paulo), adquiri alguns para experimentar e achei que o resultado obtido foi melhor do que com a flauta doce. Comecei, então, a prática de pífaros com crianças, alunos na faixa de 8 a 10 anos, introduzindo, assim, o pífaro no ensino de música e nas Bandas-Mini. Hoje, todas as Bandas-Mini têm percussão e pífaros, utilizados como instrumentos de musicalização de nossas crianças, antes de passar para qualquer instrumento em definitivo.

Logo depois, comecei, em uma das escolas um trabalho com violino, procurando sempre me aconselhar com profissionais renomados para uma boa orientação. Assim, começamos com os violinos e, mais tarde, com as violas, os violoncelos e os contrabaixos.

Hoje, temos professores específicos de cordas e arco, flauta, clarinete (ex-aluno), trompete, trombone (ex-aluno), percussão, oboé, fagote e trompa, sendo que estes três últimos instrumentos são estudados no Rio de Janeiro. Criamos a função de monitoria, entre nossos alunos, de onde surgem todos os nossos auxiliares e os professores que trabalham conosco, reproduzindo, diariamente, o trabalho feito pelos professores convidados.

Temos um projeto que abrange 26 escolas da Rede Municipal de Ensino e engloba mais de 4.000 crianças, que estão sendo musicalizadas através deste projeto. Destas, mais de 1.500 crianças com pífaros e percussão, com as quais formamos as Bandas-Mini, cerca de 200 crianças com violinos e violas e cerca de 50 crianças com violoncelos e contrabaixos. Aproximadamente 500 crianças fazendo sopros e percussão, o que têm alimentado as Bandas Militares e os projetos que estão surgindo nas cidades circunvizinhas e, até mesmo, as orquestras profissionais.

Atualmente, temos vários alunos fazendo Faculdade de Música e até doutorado, oriundos do projeto.

Hoje, o Projeto, chamado de *Volta Redonda “Cidade da Música”*, engloba:

Bandas-Mini

Banda Marcial (Metais e Percussão)

Banda de Concerto

Dentro dos naipes da Banda de Concerto temos grupos de Música de Câmara:

Grupo de Flautas

Grupo de Clarinetes

Grupo de Saxofone

Grupo de Trompetes

Grupo de Trompas

Grupo de Trombones

Grupo de Bombardinos e Tubas

Grupo de Percussão

Orquestra de Violinos (Violinos e Violas)

Orquestra de Cordas

Orquestra de Violoncelos (Violoncelos e Contrabaixos)

Prática de Canto Coral, em todos os níveis, desde o iniciante até os já com vozes adultas.

Temos nos apresentado, tanto com a Banda de Concerto, quanto com a Orquestra de Cordas e outros Grupos do Projeto, nas mais importantes Salas de Concerto e eventos como:

Sala Cecília Meireles

Theatro Municipal do Rio de Janeiro

Teatro Carlos Gomes – RJ

Teatro Municipal de Niterói - RJ

Igreja da Candelária - RJ

Encontro Internacional de Cellos

Sala São Paulo – SP (através da USP) etc

Nos últimos cinco anos, nos apresentamos, por várias vezes, na Sala São Paulo, com a Orquestra Sinfônica da USP, cantando obras complexas como, por exemplo, a *9ª Sinfonia*, de Beethoven, entre outras, fornecendo a nossos alunos a vivência de uma visão profissional bem avançada. Neste ponto, temos que concordar com a prof.^a Cristina Roriz:

“De pequenos sonhos...

...nascem grandiosos projetos”.

Iniciei com uma Banda de Tambores formada por mim e mais dois colegas e, hoje, regendo meus alunos no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, em tantas outras salas de concerto pelo Brasil, e também nas principais emissoras de TV, ainda continuo sonhando com um número maior de crianças sendo moldadas através da música.

A música me proporcionou inúmeras oportunidades, inclusive a de fazer amigos como vocês, além de conhecer o Brasil e outros países como Estados Unidos, China, Japão, Itália, Alemanha, Inglaterra e França. Mas, sobretudo a música permeou e norteou a minha vida, fazendo-me compreender em cada ano de minha vida e ainda hoje, no Projeto *Volta Redonda “Cidade da Música”* que a “música é um lembrete de Deus de que existe algo além de nós neste planeta”.